

O VOTO E A BARRIGA

Raul Pilla

EM NENHUM país do mundo se pagam alegremente os impostos, mas em muitos se pagam êles com religiosa observância. Entre nós, não só se pagam de má vontade, mas também se deixam de pagar, quando possível, sem que se considere moralmente condenável a falta. Sonegar ao Estado os tributos devidos, não chega a ser incorreção, nesta nossa atroz deficiência de espírito público.

Fácil explicação tem esta mentalidade. E' a má aplicação que, em geral, têm os dinheiros públicos num país em que a irresponsabilidade política e administrativa assentou o seu trono.

Imagine-se agora a infeliz repercussão que sôbre a vida pública brasileira terá a imposição de um tributo especialmente destinado a manter os partidos políticos, num país em que nem os partidos nem os políticos são estimados. Mais um impôsto — dirá o cidadão — e impôsto destinado não a prover os serviços públicos, senão sòmente a sustentar os profissionais da política!

Nós, os que militamos na vida pública, bem sabemos quanto de injusto tem êste sumário julgamento; mas, conquanto injusto, é generalizado, encontra-se mais ou menos difuso em tôdas as camadas sociais e não pode, por isto, deixar de influir na apreciação do regime e na sorte das instituições.

Já se afirmou uma vez, com grande entono, que voto não enche barriga. Era uma proposição duas vêzes falsa: porque o objetivo do voto não é dar de comer; porque o voto bem aplicado pode acarretar indiretamente a prosperidade e encher, com isto, a barriga de muita gente. Mas, sendo duplamente falsa, a afirmação fêz grandes danos. Imagine-se, pois, o que não sucederá, quando se puder dizer a certa gente que o voto não só enche barriga, mas pode também levar a apertá-la...